

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI EM PORTUGAL. Campo Grande, 193. 1700 Lisboa

Este BOLETIM INFORMATIVO publica-se com aprovação eclesiástica.



O Servo de Deus **JOSEMARÍA**
ESCRIVÁ DE BALAGUER
Fundador do Opus Dei

BOLETIM INFORMATIVO Nº 3 — LISBOA

À procura de Deus no trabalho quotidiano

O exemplo de Mons. Josemaría Escrivá, num artigo do Cardeal Luciani

Um mês antes de ser elevado à Cadeira de S. Pedro com o nome de João Paulo I, o Patriarca de Veneza publicou um artigo em Il Gazzettino (25-VII-78) sobre o espírito e o exemplo do Servo de Deus Josemaría Escrivá. Em veneração e memória do falecido Romano Pontífice, oferecemos algumas passagens desse escrito:

Em 1941, o espanhol Víctor García Hoz, depois da confissão, ouviu dizer: **Deus chama-o pelo caminho da contemplação.** Ficou admirado. Sempre tinha ouvido dizer que a *contemplação* era só para os santos que se encaminhavam pela via mística, uma meta que atingiam apenas alguns eleitos e, além do mais, afastados do mundo. *Eu, pelo contrário, naqueles anos estava casado, já com dois ou três filhos e com a esperança, depois confirmada, de ter outros, e tinha que trabalhar para sustentar a família.*

Quem era, então, esse confessor revolucionário, que saltava a pés juntos as barreiras tradicionais, e propunha metas místicas, também para os casados? Era Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote espanhol, falecido em Roma em 1975, com 73 anos de idade. É conhecido sobretudo por ser o Fundador do Opus Dei. (...) O que são e fazem, na realidade, os sócios do Opus Dei, disse-o o próprio Fundador:

Somos—declarava em 1967— **uma pequena percentagem de sacerdotes, que exerceram antes uma profissão laical; um grande número de sacerdotes seculares de muitas dioceses do mundo (...); uma multidão de homens e mulheres—de várias nacionalidades, línguas e raças—que vivem do seu trabalho profissional, casados a maior parte, alguns solteiros, que participam com os seus concidadãos do dever grave de tornar mais humana e mais justa**

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha), a 9 de Janeiro de 1902. Frequentou o curso do liceu em Barbastro e Logronho, e fez os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde viria a fazer, em Roma, o respectivo doutoramento.

Frequentou o curso de Direito Civil na Universidade de Saragoça e, posteriormente, doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960, recebeu o título de Doutor *honoris causa* em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, em Espanha, e de Piura, no Perú.

Ordenado sacerdote a 28 de Março de 1925, iniciou o seu trabalho pastoral em paróquias rurais e, a partir de 1927, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos e hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, quando mudou a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e Membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

Tinha fundado, no dia 2 de Outubro de 1928, em Madrid, o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. A 14 de Fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundava a Secção Feminina do Opus Dei; e, a 14 de Fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé, a 16 de Junho de 1950.

Com oração e penitência constantes, e com uma contínua e incondicionada entrega à Vontade de Deus, o Padre—como lhe chamam os seus filhos e filhas, e muitos outros milhares de pessoas de todas as condições—impulsionou e dirigiu a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando o seu Fundador entregou a sua alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido nos cinco Continentes, e contava mais de 60.000 sócios de 80 nacionalidades.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a ter uma terna e forte devoção à Virgem Santíssima e a São José, a um convívio habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda e a ser um semeador de paz e de alegria, por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido a sua vida, repetidas vezes, pela Igreja e pelo Pontífice Romano. O Senhor acolheu esse oferecimento e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de Junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

O seu corpo repousa na Cripta da Capela de Santa Maria da Paz—Rua Bruno Buozzi, 75, Roma—, continuamente acompanhado pela oração e agradecimento dos seus filhos e filhas e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

Capa: Mons. Escrivá de Balaguer fala de Deus, no Teatro Coliseu de Buenos Aires, em 23 de Junho de 1974, durante a sua catequese na Argentina.

a sociedade temporal; na nobre luta pelos compromissos quotidianos, com responsabilidade pessoal, suportando juntamente com os outros homens, lado a lado, os sucessos e insucessos, esforçando-se por cumprir os seus deveres e por exercer os seus direitos sociais e civis. E tudo isto com naturalidade, como um qualquer cristão consciente, sem mentalidade de pessoa selecta, feito da mesma massa dos seus colegas, enquanto se empenham por descobrir os esplendores divinos reflectidos nas realidades mais banais.

Dito em palavras mais pobres, as realidades banais são o trabalho que nos compete fazer cada dia; os esplendores divinos reflectidos são a vida santa que devemos levar. Escrivá de Balaguer, com o Evangelho, disse continuamente: Cristo não quer de nós apenas um pouco de santidade, mas toda a santidade. Quer, no entanto, que a alcancemos, não através de acções extraordinárias, mas com acções comuns; é o modo de realizar as acções que não deve ser comum. Aí, no meio da rua, no escritório, na fábrica, tornamo-nos santos, desde que se desempenhe o próprio dever com competência, por amor de Deus e com alegria, de modo que o trabalho de cada dia não seja o “trágico quotidiano”, mas quase o “sorriso quotidiano”.



Meus filhos: onde estiverem os vossos irmãos, os homens, onde estiverem as vossas aspirações, o vosso trabalho, os vossos amores, aí está o sítio do vosso encontro quotidiano com Cristo. É no meio das coisas mais materiais da Terra que devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens.

(Temas Actuais do Cristianismo, nº 113)

S. Francisco de Sales tinha ensinado coisas semelhantes há trezentos anos. (...) Escrivá de Balaguer ultrapassa, no entanto, em muitos aspectos S. Francisco de Sales. Também este propõe a santidade para todos, mas parece ensinar apenas uma *espiritualidade dos leigos*, enquanto Escrivá quer uma *espiritualidade laical*. S. Francisco sugere quase sempre aos leigos os mesmos meios praticados pelos religiosos, com as devidas adaptações. Escrivá é mais radical: fala inclusivamente de **materializar**—no bom sentido— a santificação. Para ele é o próprio trabalho material que se deve transformar em oração e santidade.

O lendário barão de Münchhausen confabulava a respeito de uma lebre *monstrum* com uma série dupla de patas: quatro debaixo do ventre e quatro sobre o dorso. Perseguida pelos caçadores e sentindo-se quase apanhada, ela voltava-se de cabeça para baixo, continuando a correr com as patas frescas. Para o Fundador do Opus Dei é *monstrum* a vida do cristão que quisesse uma série dupla de acções: uma feita de oração para Deus, outra de trabalho, de divertimentos, de vida familiar para si mesmo. Não— diz Escrivá— a vida é única, é santificada em bloco. Por isso fala de espiritualidade *materializada*. (...)

Porque o trabalho— diz Escrivá— como pode ser *de Deus* se é mal feito, com pressa, sem competência? Um pedreiro, um arquitecto, um médico, um professor, como pode ser um santo se não é também, naquilo que depende de si, um bom pedreiro, um bom arquitecto, um bom médico, um bom professor? Neste mesmo sentido escrevia Gilson em 1949: “*dizem-nos que foi a fé que construiu as catedrais na Idade Média; de acordo... mas também a geometria*”. Fé e geometria, fé e trabalho feito com competência, para Escrivá vão de braço dado: são as duas asas da santidade.

Fazei tudo por Amor.— Assim não há coisas pequenas: tudo é grande.— A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo.

(Caminho, nº 813)

Persevera no cumprimento exacto das obrigações de agora.— Esse trabalho— humilde, monótono, pequeno— é oração traduzida em obras, que te dispõe para receber a graça do outro trabalho— grande, vasto e profundo— com que sonhas.

(Caminho, nº 825)

Sacerdote nos hospitais de Madrid

Em 1931, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer — a quem o Senhor havia confiado, três anos antes, a semente de uma missão universal— era um sacerdote que ainda não tinha completado trinta anos.

No mês de Setembro, pediram-lhe que aceitasse o cargo de capelão das monjas Agostinhas Recolectas do Patronato Real de Santa Isabel, do qual mais tarde viria a ser Reitor. O novo cargo pastoral permitia-lhe dispor de mais tempo para se dedicar intensamente à sua vocação específica, ao cumprimento dessa vontade de Deus que Mons. Escrivá de Balaguer definia assim, ao falar aos seus filhos: **fazer o Opus Dei na terra, sendo tu mesmo Opus Dei.**

Desde há quase um lustro, havia vários grupos de pessoas, de todos os ambientes de Madrid desse tempo, que se reuniam à sua volta; não eram talvez muito numerosos, mas constituíam esse começo de que D.* Josemaría falará em *Caminho*: **Não julgues nada pela pequenez dos começos. Uma vez fizeram-me notar que não se distinguem, pelo tamanho, as sementes que darão ervas anuais das que vão produzir árvores centenárias** (*Caminho*, nº 820).

Aqueles universitários, empregados e operários iam adquirindo consciência das suas responsabilidades cristãs: têm que ser *sal e luz* no lugar onde Deus os quer, onde se desenvolve a sua vida e o seu trabalho.

D. Josemaría inteirou-se do estado em que se encontrava o Hospital Geral. Era um imenso edifício, situado na mesma rua da Igreja de Santa Isabel. O Servo de Deus, que havia dedicado muitos dias a atender doentes desamparados, viu logo a possibilidade de prestar também alguma ajuda aos doentes deste Hospital e, mais ainda, considerou que tal serviço constituiria um grande meio de formação para os rapazes que o rodeavam. Desejava que as almas de todos os que estavam à sua volta aprofundassem nas verdades fundamentais da fé. Não queria que se ficassem por uma afirmação teórica dos valores cristãos, mas que entendessem o sentido sobrenatural da vida real, concreta, com as suas dores e alegrias. Pela sua própria e longa experiência, sabia em que medida o contacto com a doença e a dor ajuda a descobrir a realidade profunda de cada coisa ou acontecimento: este contacto com o sofrimento leva a alma a esquecer-se de si mesma e a perceber com vigor a grandeza dos ideais cristãos, estimulando a entrega generosa aos outros.



Fachada do antigo Hospital Geral de Madrid, nos anos trinta. Ao fundo, distingue-se a Igreja do Patronato de Santa Isabel, de que foi Reitor o Servo de Deus.

Durante um longo período de tempo — muitas tardes — D. Josemaría passava pelo Hospital Geral com grupos de rapazes, de sacerdotes, de operários, etc. O trabalho exigia delicadeza e abnegação. As salas e os corredores do Hospital regurgitavam de doentes, em condições sanitárias que deixavam muito a desejar. Por outro lado, o ambiente era duro e hostil: a falta de formação e a contínua propaganda anticatólica levava a maioria dos doentes a ver no sacerdote — ou no simples cristão — um inimigo. Era necessário vencer a desconfiança, com carinho e amabilidade, para desfazer preconceitos e levantar-lhes o ânimo, levando-lhes um pouco de alegria.

Naqueles primeiros anos do Opus Dei, eu costumava ir, com irmãos vossos, aos hospitais de Madrid e falávamos com os doentes: fazíamos-lhes as

camas, lavávamos-lhes os pés, cortávamos-lhes as unhas — perdoai estes pormenores —, penteávamos-lhes os cabelos. Dizíamos-lhes palavras de carinho...

Lentamente, como que saboreando a evocação, D. Josemaría contou uma vez: **Lembro-me—disto posso falar, porque ele já está no Céu há muitos anos—de uma pessoa de família conhecida, um dos primeiros daquela época, nos primeiríssimos anos do Opus Dei, que ao pegar num bacio—era de um tuberculoso e estava...!—eu lhe disse: Vamos, limpa isso! E depois tive um pouco de pena, pela cara de nojo que ele tinha posto. Fui atrás dele... e vi-o com uma cara maravilhosa, celestial, a limpar tudo com a mão.**

Tendo presente este episódio, Mons. Escrivá de Balaguer — como é do conhecimento de muita gente — escreveu o seguinte ponto de meditação: **Não é verdade, Senhor, que Te dava grande consolação a “subtileza” daquele homenzarrão-menino que, ao sentir o desapontamento que produz obedecer em coisas desagradáveis e em si repugnantes, Te dizia baixinho: Jesus, que eu faça boa cara!?** (*Caminho*, nº 626).

Doutra vez, neste mesmo Hospital Geral, indicaram-lhe a cama de um doente: *Esse homem está a morrer. Já não há nada a fazer.* Era um cigano, de tez muito morena, que fora ferido com uma punhalada durante uma rixa. **Procurei que nos deixassem sós... Dirigi algumas palavras ao cigano e ele comoveu-se. Adverti-o também de que ia morrer e ele quis confessar-se. Depois, quando lhe dei a beijar o crucifixo, desatou a gritar, sem que eu pudesse fazê-lo calar:**

— *Còm esta minha boca cheia de po-dridão não posso beijar o Senhor.*

— **Mas se tu vais já, de seguida, dar-lhe um abraço e um beijo muito fortes, no Céu!**

Mons. Escrivá de Balaguer nunca mais esqueceu essa exclamação do cigano: **Já vistas forma mais admiravelmente tremenda de manifestar a contrição? Depois disso, algumas vezes, sem testemunhas e sem palavras exteriores, também eu recorri a essa expressão: Senhor, com esta minha boca cheia de podridão, não te posso beijar. Aprendi, com um cigano moribundo, a fazer um acto de contrição.**

Depois de terminadas essas visitas ao Hospital Geral, D. Josemaría Escrivá de Balaguer acompanhava, por vezes, os rapazes ao longo da Rua do Prado ou dos Recolectos. Em conversa amena, o Fundador do Opus Dei conseguia que as horas passadas nas salas do hospital se traduzissem, no interior daquelas almas, em conclusões e propósitos que tivessem influência real na vida deles e na dos rapazes de quem eram amigos. Não concebia o Cristianismo sem uma caridade viva e operativa, sem estar junto da Cruz com heroísmo.

Para D. Josemaría, a atenção aos enfermos não se limitava a algumas horas semanais ou a alguns centros determinados. Quando era informado de que uma pessoa sofria, apresentava-se logo para a animar com palavras de consolação e para lhe prestar assistência sacerdotal.

Anos depois, a sua memória evocava, por vezes, esses momentos últimos com os enfermos, junto dos quais encontrou a fortaleza necessária, em horas difíceis e decisivas. Um dia, um universitário fez-lhe uma pergunta relacionada com o ponto 208 de *Caminho*: **Não o sei de cor, mas há uma frase que diz: Bendita seja a dor, amada seja a dor, santificada seja a dor, glorificada seja a dor. Lembra-te? Isso escrevi-o eu num hospital, à cabeceira de uma moribunda a quem acabava de administrar a Extrema-Un-**

ção. Invejava-a muitíssimo! Aquela mulher tinha tido uma posição económica e social muito boa, e estava ali, no catre de um hospital, moribunda e só, com a única companhia que eu lhe podia fazer naqueles momentos que precederam a sua morte. E ela repetia — feliz! — saboreando as palavras: Bendita seja a dor — tinha todas as dores morais e físicas —, amada seja a dor, santificada seja a dor, glorificada seja a dor!

O Hospital da Princesa era outro centro de beneficência sanitária de então, situado na Praça de S. Bernardo. Um dos médicos internos, que ali trabalhava, recorda-o nestes termos: “Desde o dia em que me apresentaram ao Padre, via-o com muita frequência no Hospital, na parte da manhã, durante os anos 1933-34. Ia de sala em sala, falando com os doentes, confessava e dava a Comunhão com tal carinho e simpatia, que encantava os enfermeiros e os doentes. Não temia o contágio, embora em todas as salas em que entrava houvesse enfermos contagiosos; por mais de uma vez foi advertido do perigo que corria no contacto com os doentes, mas sempre respondeu, com simpatia e a sorrir, que estava imunizado contra todas as enfermidades”.

Também frequentou o Hospital do Rei, que se chamava, naqueles anos da segunda República Espanhola, Hospital Nacional. Era talvez o hospital mais moderno de Madrid e destinava-se aos que sofriam de doenças infecciosas. Abundavam as pessoas que sofriam de tuberculose, então uma doença sem cura. Uma freira guardou na memória esta imagem de Mons. Escrivá de Balaguer: “Continuo a recordar-me com toda a clareza de quando D. Josemaría nos falava de Deus, a propósito de qualquer coisa, (...) e dizia o mesmo aos doentes



Hospital do Rei (Madrid), depois da sua inauguração em 1925.

(...). Lembro-me de algumas doentes jovens, tuberculosas, que recuperavam até a alegria humana, embora estivessem conscientes de que iam morrer (...). Acho lógico que, posteriormente, muitas pessoas tenham compreendido o espírito deste sacerdote e seguido a sua doutrina no Opus Dei.”

Também a Irmã Engrácia Echevarría, que então era Superiora da comunidade do Hospital do Rei, pôde escrever antes de Deus a haver chamado à Sua presença, já muito idosa: “D. Josemaría Escrivá era a alma do grupo de sacerdotes daquela época. E todos viram sempre que era enormemente apostólico. Em minha opinião, era um verdadeiro santo (...). Muito valente, naqueles momentos em que era precisa coragem e prudência para se impor a tanta oposição. Era muito, muito trabalhador (...). Além disso, vi que todo o seu interesse era o de atender as almas dos doentes. Que a alma do doente nunca ficasse sem ser assistida até ao final.”

Em 13 de Setembro de 1933, no Hospital do Rei, faleceu María Ignacia García Escobar, a primeira associada do Opus Dei que o Senhor quis levar para o Céu. Ainda se conservam uns cadernos com o diário dos seus pensamentos. Com o estilo próprio da época, conta o

testemunho da oração daquelas mulheres, doentes já desenganadas, que tinha por companheiras. Quer se tratasse de uma operação à garganta, quer da tosse ou simplesmente da falta de apetite, ofereciam tudo isso pela intenção daquele sacerdote que era **mendigo de orações**, porque essa intenção — diz textualmente María Ignacia — “precisa de orações e de sacrifícios, agora, amanhã e sempre.”

Mons. Escrivá de Balaguer aludiu muitas vezes à fortaleza que encontrou naqueles remotos começos do Opus Dei:

Havia um sacerdote que tinha vinte e seis anos, a graça de Deus, bom humor e mais nada. Não possuía virtudes nem dinheiro. E tinha de fazer o Opus Dei... E sabes como é que pôde? Nos hospitais. Aquele Hospital Geral de Madrid, carregado de doentes, paupérrimos, com muitos deitados pelos corredores, porque não havia camas... Aquele Hospital do Rei, onde só havia tuberculosos, e naquela altura a tuberculose não tinha cura... Foram essas as armas para vencer! Foi o tesouro para pagar! Foi essa a força que nos levou para a frente! (...) E o Senhor levou-nos por todo o mundo, e estamos na Europa, na Ásia, na África, na América e na Oceania, graças aos doentes, que são um tesouro...

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua heróica fidelidade à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança, Monsenhor Josemaria Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei por todo o mundo.

A tarefa principal da Obra é a formação dos seus sócios, para que cada um, individualmente, realize o seu trabalho apostólico de cristão, no mundo e na sociedade.

...o apostolado essencial do Opus Dei —em palavras do seu Fundador— é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com a sua família, entre os seus amigos. Uma actividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da actividade profissional de todos os dias. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 71).

Mas, além disso, como ele próprio respondia à pergunta de um jornalista, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra —e que muitas vezes não são cristãs—, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo actual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e habilitação profissional, etc. (Temas actuais do Cristianismo, n.º 84).

Iremos apontando aqui, com forçosa brevidade, algumas das muitas obras apostólicas que, com diferentes características, conforme as necessidades do lugar ou do tempo, nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

Montefalco México

Foi há muitos anos que visitei Montefalco pela primeira vez, na minha qualidade de arquitecto, com o fim de estudar as possibilidades que aquela antiga herdade oferecia para desenvolver uma acção apostólica e social entre os camponeses da região.

Depois de percorrer uma centena de quilómetros de estrada asfaltada desde a capi-



Mons. Escrivá de Balaguer fala a um grupo de camponesas da Granja-Escola de Montefalco, em Junho de 1970.



Vista de Montefalco (Jonatepec, estado de Morelos, México) em 1967.

tal, cruzámos o vale de Amilpas, no estado de Morelos, por um caminho de terra batida. Acompanhavam-me vários sócios do Opus Dei. No caminho, comentavam com entusiasmo a oferta feita pela Associação Civil "Campo y Déporte, A. C.", proprietária da herdade, para que o Opus Dei se encarregasse da direcção desse trabalho apostólico. Ao mesmo tempo, comentavam o interesse de Mons. Escrivá de Balaguer em aceitar tal encargo.

Ao chegar a Montefalco, fiquei mal impressionado: encontrei paredes em ruínas, pedras calcinadas... e tudo com dimensões desconhecidas. Em pé, destacava-se uma igreja, que me pareceu do tamanho de uma catedral.

—Mas como é possível que queiram aceitar isto? Não vêem que se trata apenas de ruínas?!— foi o meu primeiro comentário.

Responderam-me com uma frase do Fundador do Opus Dei, que não cheguei a compreender, nessa altura, em toda a sua amplitude: **Sonhai e ficareis aquém.**

...

O arquitecto mexicano—agora sócio do Opus Dei—que escreveu as linhas precedentes, nunca esqueceu aquela frase nem a fé com que foi pronunciada; agora pode comprovar com os seus próprios olhos que o sonho ficou aquém.

Sem um centavo, com o trabalho de tantos filhos meus, que tiveram de lutar e sofrer, com o carinho e a generosidade de muitas pessoas—são palavras de Mons. Escrivá de Balaguer—, teve início, em 1958, a reconstrução da herdade e prosseguiu ao longo dos anos. Organizou-se imediatamente o Centro Agro-Pecuário Experimental El Peñón, destinado à formação agrícola dos trabalhadores rurais, havendo os cursos começado em 1959.

Pela mesma altura, as associadas do Opus Dei iniciaram igualmente, noutra zona da herdade, separada e independente, as actividades da Granja-Escola de Montefalco, que interessavam às mulheres do campo.

Com o decorrer do tempo, foi-se ampliando a acção desenvolvida: centenas de rapazes frequentam os cursos, de três anos, de formação profissional no Centro Agro-Pecuário e os cursos, de dois anos, do ensino secundário. Beneficiando da orientação dos professores, os antigos alunos organizaram cooperativas de produção avícola e porcina, cooperativas para o fabrico de rações para alimentação dos animais e cooperativas para a comercialização destes produtos; têm promovido assim um conjunto de iniciativas que gozam de vida florescente.

Ao mesmo tempo, irradiando a partir de Montefalco, por meio de reuniões e clubes juvenis, está a realizar-se uma grande obra de difusão cultural e de formação cristã, que

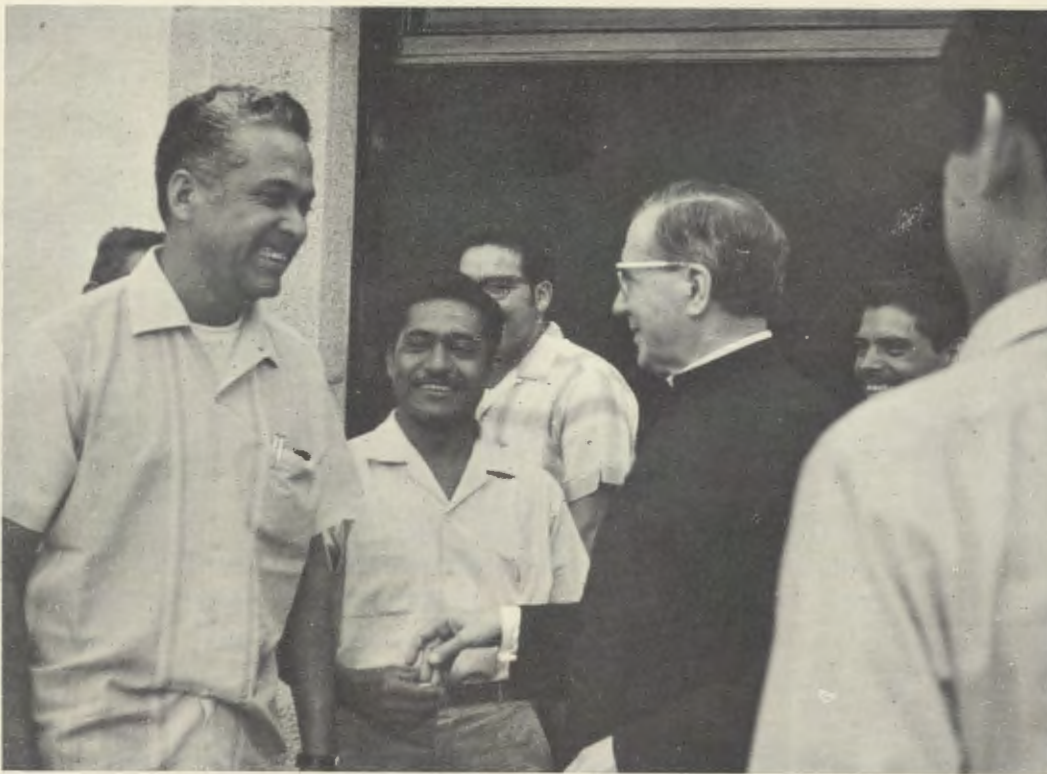


Imagem da visita de Mons. Escrivá de Balaguer ao Centro Agro-Pecuário el Peñon, em 4 de Junho de 1970.

atinge quinze aldeias do vale de Amilpas.

Por seu lado, a Granja-Escola de Montefalco tem-se ocupado das jovens camponesas: pelos seus vários cursos, que incluem os de formação para a vida do lar, tem passado a maior parte das raparigas da região e até de outros lugares. Nos cursos da Telescola, além de se valorizarem com os conhecimentos culturais de base e de receberem uma sólida formação cristã, essas jovens têm aprendido métodos e sistemas para administrarem e aproveitarem melhor os recursos familiares.

Em cada ano, pessoas das mais diversas idades e condições, provenientes de muitos lugares de todo o país, assistem a convívios de estudo e de formação espiritual, numa parte da fazenda preparada para esse fim.

Em Junho de 1970, Mons. Escrivá de Balaguer passou três dias em Montefalco. Falou com os sócios do Opus Dei, conversou muito com os camponeses dos arredores e recebeu todos os que de longe foram vê-lo. As suas palavras permanecerão como um

estímulo constante para este trabalho e para tantos outros semelhantes, que estão a ser realizados em todo o mundo.

Mons. Escrivá de Balaguer percorreu, durante aqueles dias, as zonas ainda não reconstruídas da herdade e, com palavras cheias de bom humor, fez uma repreensão carinhosa, que era simultaneamente o melhor elogio, aos que deram início a Montefalco:

Montefalco é uma loucura de amor de Deus. Costumo dizer que a pedagogia do Opus Dei se resume em duas afirmações: agir com sentido comum e agir com sentido sobrenatural. Neste casa, D. Pedro (primeiro Conselheiro do Opus Dei, no México) e as minhas filhas e os meus filhos mexicanos têm agido só com sentido sobrenatural. Receber com alegria um montão de ruínas, maior que o palácio de Versalhes, é humanamente absurdo... Mas pensastes nas almas e tornastes realidade uma maravilha de amor. Deus vos abençoe.

Escrevem-nos

NÃO MOSTROU NENHUM INTERESSE

Levei um Boletim Informativo a uma senhora doente de cancro, que há muitos anos estava afastada das práticas religiosas. Quando viu um sacerdote na capa, não mostrou nenhum interesse. Um dia, num momento de intensas dores, mexeu-se na cama em busca de uma posição que lhe desse algum alívio. A seu lado estava o Boletim Informativo. Olhou para a fotografia da capa e disse: "Tenho a certeza que podes ajudar-me." Assim começou a rezar e em breve desapareceram as dores. Desde esse momento, começou a interessar-se por aquele sacerdote e leu alguns dos seus escritos.

Como há muitos anos não recebia os sacramentos, perguntei-lhe se queria confessar-se, mas respondeu-me que não via necessidade disso. Conhecendo a gravidade da sua doença, continuei a confiá-la a Mons. Escrivá de Balaguer, a fim de receber o Sacramento da Penitência antes de morrer.

Poucos dias depois, foi internada no hospital. Ao visitá-la, encontrei-a mais feliz e serena. Disse que tinha uma grande notícia para me dar: naquela manhã, tinha passado por ali um sacerdote e a primeira coisa que lhe perguntara, ao vê-lo entrar, foi quem o tinha enviado. O sacerdote respondeu-lhe que ninguém, que simplesmente ia a passar por ali. A doente confessou-se, comungou e recebeu a Unção dos enfermos.

Alguns dias depois morreu.

X. X., de Sidney (Austrália)

NÃO PODIA MORRER SEM SE CONFESSAR

Havia mais de vinte anos que o meu tio não se confessava. Tinha problemas familiares muito graves que o levaram ao desespero, e envenenou-se.

Logo que fui informado, comecei a pedir a Mons. Escrivá de Balaguer para que ele se confessasse. O veneno destruiu-o por dentro e os médicos afirmavam não compreender como podia ele continuar vivo. Eu entendia muito bem: ele não podia morrer sem se ter confessado.

Resistiu quatro dias, até que chegou o momento em que me pediu um sacerdote. Assim se fez imediatamente e ele confessou-se, recebeu a Unção dos enfermos e morreu horas depois.

F. L.R., de Guadalajara, Jal. (México)

QUIS BAPTIZAR-SE

O meu marido, que não era católico, teve uma trombose cerebral que lhe paralisou o lado esquerdo do corpo. Recebi por esses dias um Boletim Informativo e, animada pelos favores que nele se mencionavam, comecei a pedir a intercessão de Monsenhor Escrivá de Balaguer.

O meu marido aprendeu a recitar a Ave-Maria, que rezou muitas vezes, sobretudo durante as noites de insónia, e também rezou várias jaculatórias, que repetia comigo. Eu estava muito surpreendida, porque ele até ali não acreditava em Deus e, anos atrás, alguns sacerdotes tinham procurado aproximá-lo da fé, mas sem resultado.

A doença evoluiu de modo favorável e, depois de ter alta, meu marido continuou a rezar, sendo visto frequentemente com a estampa de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer nas mãos. Conte isto ao pároco que me aconselhou a perguntar-lhe se estava disposto a receber o Baptismo. Durante dois dias, hesitei em fazê-lo, com medo de que ele recusasse. Rezei muito. Por fim, perguntei-lhe e a resposta foi imediata: "Sim, quero ser baptizado." Para mim foi muito emocionante.

S. K., de Kioto (Japão)

ÀS PORTAS DA MORTE

No dia 23 de Dezembro, meu irmão entrou no hospital gravemente doente, com um forte ataque de malária maligna. Acabara de regressar de África. Minha mãe telefonou-me naquela mesma noite e comecei a recorrer a Monsenhor Escrivá de Balaguer.

Fui vê-lo, na noite de Natal, e encontrei-o muito mal: não me via e penso que não me ouvia. Na Missa da meia-noite, rezei por ele e minha mãe também rezava a oração para a devoção privada ao Padre.

Só voltei a vê-lo em 27 de Dezembro; encontrei-o débil, mas muito melhor. No dia 30, já tinha desaparecido toda a incoerência e até já se sentava na cama e falava normalmente. Fiquei surpreendido com a rapidez da recuperação.

Minha mãe contou-me quanto sofreram durante o dia de Natal e que, posteriormente, os médicos lhe tinham dito que, naquela noite, meu irmão estivera às portas da morte.

S. M., de Londres (Inglaterra)

ESTAVA SALVO

Alegra-me poder comunicar-lhes que, uma vez mais,—e muitas têm sido as vezes que me escutou—não invoquei em vão a ajuda de Mons. Escrivá de Balaguer, Fundador do Opus Dei. Devido ao meu trabalho de enfermeira-parteira, vejo-me por vezes a braços com casos difíceis. Há pouco tempo, tive que assistir a um parto muito complicado. Por fim, quando a criança nasceu, parecia morta. Imediatamente recorremos a todos os meios para a manter viva, mas tudo resultava inútil. Baptizei o menino, enquanto a mãe chorava em altos brados a morte do filho. Comecei a invocar o Servo de Deus Mons. Josemaría e continuei a aplicar a respiração artificial. Vi então que os pulmões se mexiam um pouco e, algum tempo depois, o menino começava a respirar. Estava salvo. A nossa parteira negra estava perplexa. Eu disse-lhe: "Pedi a ajuda de um sacerdote santo, que morreu não há muito, e ele ajudou-nos." A sua reacção espontânea foi: "Madre, dê-me uma pagela desse sacerdote, a fim de pô-la na minha casa para que ele proteja os meus cinco filhos." É um facto que os nossos zairenses têm muita fé no sobrenatural, em Deus.

Graças ao bom Mons. Josemaría, que nos ajudou tão estupidamente.

H. B. V., de Ubandaka (Zaire)

PODER TRABALHAR

Desde há dois anos que sofro de uma doença na coluna vertebral. Ultimamente, o mal-estar acentuara-se e passei a ter dores bastante agudas, especialmente na perna esquerda. Submeti-me a um tratamento que não me produziu qualquer alívio. Sendo motorista de táxi, tinha que utilizar a perna para conduzir o carro e chegou um momento em que praticamente não podia meter as mudanças. Eram tão fortes as dores, que minha mulher e meu filho pensavam que eu teria de deixar de

trabalhar, embora fosse a única fonte de sustento da nossa família.

No dia 25 de Abril, às duas horas da tarde, encontrava-me tão mal, que tive de parar o carro para descansar um pouco. Vi então o Boletim Informativo de Monsenhor Escrivá de Balaguer, que alguém me dera. Depois de ter lido os relatos de várias graças, decidi pedir a Monsenhor Escrivá de Balaguer que me curasse. Levantei os olhos e, com grande devoção, disse: "Tu, Padre Escrivá, a quem, segundo leio neste livro, o Todo-Poderoso sempre escuta, porque não Lhe pedes que me liberte desta dor na perna, a fim de eu poder trabalhar?"

Então, senti por todo o corpo uma espécie de cãibra ou formigueiro suave e mexi a perna e comprovei que não me doía. Saí do carro, fazendo toda a espécie de experiências, sem sentir já qualquer dor. Fiz vários serviços com o táxi, para acabar de comprovar que me encontrava bem. Fui ao médico e aconselhou-me a esperar uns dias para ter a certeza de que tinha melhorado. Assim procedi e, como continuo sem dores, o médico disse-me que podia escrever esta carta, como de facto estou a fazer.

M. Ch., de Madrid (Espanha)

O TERCEIRO FAVOR

O terceiro favor que recebi de Deus, por intercessão de Monsenhor Escrivá de Balaguer, é o seguinte:

O meu pai teve que deixar de trabalhar, porque tinha grandes vertigens. O médico disse-nos que era necessário hospitalizá-lo, porque tinha um tumor cerebral. Depois de estar uns dias no hospital, foi transferido para um Instituto Neurológico, onde foi submetido a vários exames médicos, incluindo uma biópsia na parte superior do ombro, que julgavam estar na origem do tumor.

Durante todo este tempo, nós rezávamos ao Fundador do Opus Dei. Meu pai também rezava, ao mesmo tempo que se abandonava à vontade de Deus.

Terminados todos os exames médicos, o neurologista comunicou-nos este resultado: "Não há tumor nem cancro."

Já fizemos uma novena de acção de graças por nos ter sido concedido tão grande favor. Minha mãe tem distribuído muitas memórias e todos referem como esta oração está tão bem escrita e como dá tanto ânimo. As minhas duas irmãs mais novas nunca adormecem sem a rezar.

D. D., de Montreal (Canadá)

CONTRA TODA A LÓGICA

Na Quinta-Feira Santa passada, alguém me contou que uma amiga não se confessava havia muitos anos, por julgar que não era necessário; pensava que era suficiente pedir interiormente perdão a Deus. Essa pessoa comungava com estas disposições e não havia forma de convencê-la a mudar de critério.

Eu pedi-lhe que insistisse uma vez mais e, entretanto, pus-me a rezar pela pessoa em questão a Monsenhor Escrivá de Balaguer. Disse-lhe que ele tinha amado tanto a Eucaristia, não podia permitir aquela ofensa ao Senhor e que Quinta-Feira Santa era o dia ideal para ensinar essa pessoa a portar-se bem com Deus, no Santíssimo Sacramento.

Contra toda a lógica humana, vi que essa pessoa se aproximou do confessor, disposta a mudar de conduta.

A. R., de Paris (França)

Recebi um telefonema de minha irmã, que chorava desesperadamente por causa da sua situação familiar, que era muito grave. Decidimos recorrer a Mons. Escrivá de Balaguer, para que concedesse a paz a esta família. Três dias depois, a situação estava resolvida e agora vivem em perfeita harmonia.

X. X., de Roma (Itália)

Pedi muito a Mons. Escrivá de Balaguer a conversão de uma pessoa que perdera a fé por ter lido livros doutrinariamente errados. Poucos dias depois, essa pessoa fez um retiro e converteu-se.

J. M. G., de Washington (E.U.A)

Depois de viver durante sessenta anos afastado da Igreja e sem receber os Sacramentos, graças à intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer, o meu sogro morreu com o hábito de comungar semanalmente.

A notícia de que ele recebera os Santos Sacramentos chegou-nos a 9 de Janeiro, dia do aniversário de Mons. Escrivá, depois de a carta ter andado extraviada e ter levado três meses a chegar da Califórnia a La Paz.

V. de W., de La Paz (Bolívia)

Tenho dois sobrinhos gémeos de cinco anos, que ainda não estavam baptizados, porque o pai tinha ideias erróneas e dizia que só seriam baptizados quando os próprios o pedissem. E não havia quem o convencesse a mudar de ideias.

Comecei a pedir a Mons. Escrivá de Balaguer e a rezar a oração para que se baptizassem; não tinha ainda passado muito tempo, quando me telefonaram a dizer que os gémeos iam ser baptizados nessa semana.

L. D., de Quito (Equador)

De acordo com a nota que figura na memória de Mons. Escrivá de Balaguer, escrevo a informar que tenho recebido muitos favores por sua intercessão.

O primeiro e o principal é que eu não recebia os Sacramentos há sete anos e, depois de rezar a oração da memória, fui capaz de me ir confessar. Desde então, tenho-o feito com regularidade.

W. O., de Ibadan (Nigéria)

Sou professora do ensino secundário e há muito que procurava trabalho, mas em vão. Nestas circunstâncias, recebi uma memória de Mons. Escrivá de Balaguer e comecei uma novena.

Apesar das dificuldades existentes, consegui trabalho fixo num colégio, precisamente na disciplina mais adequada para mim e com a possibilidade de vir a alcançar um elevado nível profissional.

M. M., de Dublin (Irlanda)

Uma amiga minha sofria de uma crise renal e devia submeter-se a operação cirúrgica arriscada. Dei-lhe uma memória de Mons. Escrivá de Balaguer e recomendei-lhe que pedisse a Deus, por sua intercessão, que se pudesse evitar a operação. Quando fui visitá-la no dia seguinte, encontrei-a muito contente: eliminara espontaneamente o cálculo renal naquela mesma manhã, depois de ter rezado com muita fé a oração para a devoção privada ao Fundador do Opus Dei.

M. H. S. L. R., de São José dos Campos (Brasil)

Um dia, dei-me conta de uma triste realidade: um dos meus filhos estava a afastar-se da fé e de nós. Certas amizades tinham-no levado insensivelmente a abraçar os ensinamentos de uma determinada seita. O meu marido e eu estávamos assombrados e sentíamos a dor profunda de ver que nos tinha escapado algo de importante e vital na nossa relação com aquele filho.

Nesta situação, fizemos uma novena a Mons. Escrivá de Balaguer e o Senhor quis ouvir as súplicas de uma mãe: duas semanas depois de acabar a novena, o meu filho procurou um sacerdote, confessou-se e comungou. Estivera quase três anos sem receber Sacramentos.

G. T. C., de Manila (Filipinas)

Um dia, um filho meu de dez anos acordou com febre e começou a ter convulsões. Levámo-lo a um posto médico e dali foi transferido para um hospital, em Lima. Esteve três dias na sala das urgências e informaram-nos que o seu estado era muito grave. Pediram-me então que assinasse a autorização para lhe fazerem uma análise à medula. O diagnóstico foi: encefalite. Os médicos disseram-me que não sabiam quando recuperaria os sentidos e que nem sequer sabiam se, depois disso, ficaria bom.

Eu rezava a Deus por intercessão de Mons. Escrivá de Balaguer e pedia-lhe que fizesse um milagre e que o meu filho ficasse curado e falasse sem dificuldade.

Assim aconteceu e estou grata a Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. O Senhor fez o milagre de o meu filho ficar são e salvo. Ainda continua em tratamento, porque o médico acha que deve acompanhá-lo durante três anos, mas já se pode dizer que está são.

E. M. de S., de San Mateo (Peru)

O meu segundo filho apanhou uma infecção pulmonar, quando estava a ser submetido a tratamento por causa de outra doença, e ficou às portas da morte. Confiámos a sua saúde a Nossa Senhora e rezámos com fé a oração para a devoção privada a Mons. Escrivá de Balaguer. Foi como um milagre: desde esse momento começou a recuperar, a ponto de o especialista que o trata ficar assombrado com tal recuperação.

E. M.-G., de Eiken (Suíça)

Uma das minhas amigas tinha o marido no hospital em estado crítico. Falei-lhe de Mons. Escrivá de Balaguer e combinámos fazer uma novena. Ao fim de poucos dias, fui visitá-la e estava muito contente, porque o marido melhorara extraordinariamente.

O doente pôde regressar a casa, precisamente no último dia da novena.

I. M. de S. A., de Lisboa (Portugal)

Devido a uma mudança precipitada de trabalho, encontrei-me sem emprego. Pedi então a Mons. Escrivá de Balaguer que me ajudasse. Passadas poucas semanas, apesar da péssima situação laboral, encontrei o trabalho adequado.

J. G., de Essen (Alemanha)

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor, pondo como intercessor Mons. Escrivá de Balaguer. Por falta de espaço, reproduzimos aqui, apenas, parágrafos de algumas, que referem acontecimentos importantes ou episódios simples.

Também agradecemos, a todos, os donativos que nos mandam para colaborar nos gastos de edição e distribuição deste **Boletim Informativo**, e para ajudar o desenvolvimento das obras apostólicas promovidas pelo amor que Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer tinha a todas as almas.

OBRAS PUBLICADAS DE MONS. ESCRIVÁ DE BALAGUER

Caminho

«Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra-prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e ao coração chegam directamente também os breves parágrafos que, como versos soltos mas completos, formam o CAMINHO (...), em que não aparece a rigidez suspicaz de um "código", mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paternal solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando» (De «L'Osservatore Romano», 24-III-1950).

A primeira edição deste livro publicou-se em Fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprenta Moderna), sob o título de **Consideraciones Espirituales**. Desde então, as edições têm-se multiplicado cada vez mais rapidamente, alcançando o número de 152 edições, em 34 idiomas, com 2.775.650 exemplares.*

Santo Rosário

Livro de meditações sobre cada um dos quinze mistérios da vida de Cristo e da Virgem, que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição publicou-se também em 1934. Desde então apareceram 46 edições, em 11 idiomas, com 252.100 exemplares.*

Temas actuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, focando os temas de maior importância para os respectivos leitores. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu, por escrito e exaustivamente, às perguntas que lhe tinham formulado. Neste livro recolhe-se o texto completo dessas entrevistas.

A primeira edição publicou-se em 1968. A partir de então, publicaram-se 29 edições, em 7 idiomas, com 241.730 exemplares.*

Cristo que passa

O livro recolhe algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer, ao longo da sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristã. No estilo, conjugam-se a profundidade teológica e a clareza da exposição.

A primeira edição deste livro publicou-se em Março de 1973. Até Abril de 1977, surgiram 33 edições, em 8 idiomas, com 234.900 exemplares.*

Amigos de Deus

Colectânea de outras 18 homilias, nas quais o autor tomou as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio de amizade com Deus. O livro, com o mesmo estilo íntimo e directo do anterior volume de homilias, foi publicado em 1977, contando-se já 8 edições em vários idiomas.

O volume tem um prólogo escrito pelo Rev.º Dr. Álvaro del Portillo, actual Presidente Geral do Opus Dei.*

La Abadesa de las Huelgas

Estudo teológico-jurídico. Uma investigação penetrante—realizada a partir das fontes e documentos originais—sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadessa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

*Editados em português. Pedidos às livrarias ou às Edições Prumo Lda., Rua Bernardo Lima, 45, 2º—1100 Lisboa.

ORAÇÃO

para a devoção privada

*Ó Deus, que concedestes graças inumeráveis ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres quotidianos do cristão, fazei com que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar e de servir, com alegria e com simplicidade, a Igreja, o Pontífice Romano e as almas, iluminando os caminhos da terra com a luz da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço ... (peça-se).
Ámen.*

Pai Nosso, Avé Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com este **Boletim Informativo** em nada se pretende antecipar o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem nenhuma finalidade de culto público.

Este **Boletim Informativo** é distribuído gratuitamente. Quem o desejar pode, com os seus donativos, contribuir para os gastos desta publicação e para o sustento das actividades apostólicas criadas pelo impulso espiritual do Fundador do Opus Dei, de santa memória. Esses donativos podem ser enviados, directamente, por vale postal ou cheque, para a **Vice-Postulação do Opus Dei em Portugal**, Campo Grande, 193, 1700 Lisboa; ou então, por transferência bancária, para a conta D.O. 210/7873Y, Banco Nacional Ultramarino, Arco do Cego, 1000 Lisboa.

Agradecemos o envio do nome e morada de pessoas a quem possa interessar receber este **Boletim Informativo**, ou memórias com a oração para a devoção privada.